



Subvertendo a escrita e a história: um olhar contemporâneo sobre a antiguidade bíblica em *A mulher que escreveu a Bíblia*

Subverting the Writing and the History: a Contemporary Glance on Biblical Antiquity in *A mulher que escreveu a Bíblia*

Leopoldo O. C. de Oliveira*

Resumo: A temática bíblica está presente em várias obras do escritor judeu-gaúcho-brasileiro Moacyr Scliar (1937-2011) desde o início de sua carreira. Entretanto, tal temática ocupará um papel central nas narrativas apenas nos últimos romances publicados em vida pelo autor. Neste artigo, analisarei somente o romance *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), embora aquilo a que chamo de “tríade bíblica scliariana” conte ainda com os romances *Os vendilhões do Templo* (2006) e *Manual da paixão solitária* (2009). As três obras têm em comum o fato de serem construídas por meio da recriação, reinvenção e ficcionalização do mundo, episódios e personagens bíblicos a partir de um olhar contemporâneo. Assim, vemos surgir nas narrativas os grandes tópicos de nosso tempo, como as questões de gênero e sexualidade, os papéis familiares, intolerância religiosa, poder e corrupção e a dimensão errática e plural da História, entremeados e enlaçados ao olhar que supostamente os contemporâneos dos fatos narrados na Bíblia e os contemporâneos de sua escritura e da canonização de seus livros tinham dos mesmos. Ao proceder tal mescla de olhares e de procedimentos narrativos, Scliar constrói narrativas de alcance universal que, não obstante, muito revelam da cultura e da sociedade brasileiras.

Palavras-chave: Bíblia. Ficção. Escrita. História.

Abstract: Biblical themes are present in several texts by Jewish-Gaicho-Brazilian writer Moacyr Scliar (1937-2011) from the very beginning of his literary career. However, these themes will be the core of his narratives only in his last published novels. In this paper I will discuss only the novel *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), although the group of romances to which I have given the title of ‘Scliarian Biblical Triplet’ is composed of two more novels, namely *Os vendilhões do Templo* (2006) and *Manual da paixão solitária* (2009). The three novels have as a common trait the fact of being constructed by means of re-creation, re-invention and fictionalization of the world, episodes and characters of the Hebrew Bible through a contemporary glance. Due to this procedure, the reader finds in the text the big issues of our present days, such as gender relations, the roles played in the bosom of the families, religious intolerance, power and corruption, the plural and erratic dimension of History, all of this mixed and linked to the point of view that supposedly people living in the time of the facts narrated in the Bible and the witnesses of its books’ canonization should have had. Having this mix of glances and narrative procedures done, Scliar constructs universal reaching narratives that, nevertheless, reveal a lot of Brazilian culture and society.

Keywords: Bible. Fiction. Writing. History.

Lançado em 1999 e tendo como fonte de inspiração uma ideia do crítico literário Harold Bloom (*The Book of J*, 1990), *A mulher que escreveu a Bíblia*, como o título indica, constrói-se enquanto uma fábula sobre uma das esposas de Salomão que, supostamente, teria escrito o que hoje conhecemos como a Bíblia. Esta personagem já havia aparecido em *Cenas da vida minúscula*, desta feita na pele de uma das filhas do Monarca, Sulamita, incumbida pelo pai da escritura da história do povo hebreu.

No romance de 1991, a ideia não é muito desenvolvida, limitando-se a personagem a externar ao irmão, Habacuc, sua angústia e descontentamento com aquilo que estava escrevendo, terminando por morrer, não se sabe se por haver falhado na tarefa a ela confiada pelo pai ou por um avassalador sentimento de culpa pela atração incestuosa que se estabeleceu entre ela e o irmão.

O romance de 1999 inicia-se com o relato de um historiador que, por força das circunstâncias, acaba por se transformar em um terapeuta de vidas passadas, ajudando seus clientes em regressões a outras vidas pelos seus conhecimentos históricos. Certa cliente, uma moça vinda do interior, por quem se apaixona, antes de desaparecer com o grande amor de sua vida, deixa-lhe um manuscrito, no qual relata sua experiência de regressão, em que descobriu que teria sido uma das esposas do rei Salomão. É o texto desse manuscrito que compõe o restante do romance, narrado não pela moça do presente, mas pela mulher que um dia foi à época do Segundo Templo, simplesmente descrita como “A feia”.

Entretanto, a coincidência de identidades entre a mulher do presente e a do passado (que são uma e duas ao mesmo tempo) fica patente em vários aspectos de suas vidas: ambas são feias, filhas de homens poderosos (um grande latifundiário e um chefe de tribo, respectivamente), apaixonam-se por um homem bonito e pobre, são preteridas amorosamente pela irmã mais jovem e, ao final, conquistam o grande amor de suas vidas pela sua inteligência e personalidade.

Entretanto, para além das coincidências factuais que as unem, está a perspectiva narrativa que compartilham: a mulher do presente empresta à do passado não só uma linguagem contemporânea e desabusada para seu relato, mas principalmente um ponto de vista fundado na experiência e na consciência modernas de pertencimento a um grupo socialmente minoritário e estigmatizado; o ponto de vista feminino, radicalizado pela falta de um dos atributos que valorizariam a mulher: a beleza.

Essa situação torna o relato extremamente crítico e ácido, dotando a narradora de um olhar privilegiado sobre a realidade, aquele olhar oblíquo que tantas vezes foi caracterizado como um olhar judaico, que vê os poros da sociedade, não apenas do passado, mas também do presente, os quais a voz narrativa relaciona indissociavelmente em seu relato por suas características de interação social e políticas.

Assim, a Jerusalém ancestral descrita é impressionantemente similar ao clima político do Brasil contemporâneo, com seus relacionamentos de interesses (“A feia” casa-se com Salomão como parte de uma aliança político-militar entre seu pai e o rei), a dominação do mais fraco (a condição subalterna em que são mantidas as mulheres do harém), a corrupção (o suborno a que muitos dos guardas do rei sucumbem), as intrigas de bastidores (o golpe baldado que a própria narradora monta contra Salomão, no intuito de obrigá-lo a fazer sexo com ela), a inveja (o clima de competição entre as mulheres do harém de Salomão), a cobiça e o jogo sórdido de poderes (a influência que os anciãos exercem sobre os negócios do reino).

Dessa maneira, tanto são denunciadas as mazelas que assolam o Brasil de hoje quanto se opera uma dessacralização e desmistificação da Sião salomônica, especialmente em sua dimensão de um tempo áureo, tanto econômica quanto culturalmente, na história do povo judeu. Ou seja, ressalta-se que a Jerusalém histórica, tanto quanto a Jerusalém dos sionistas e a do moderno Estado de Israel, também foi um lugar concreto, no seio dos quais se davam relações sociopolíticas e econômicas em nada diferentes ou melhores, em sua essência, do que as que se dão hoje em qualquer lugar do mundo.

A partir daí, essa desmistificação estende-se também à maior produção cultural daquele período e do posterior: os escritos que, em sua forma atual, conhecemos como Bíblia. Alguns acadêmicos, de uma forma um tanto ou quanto ingênua, não cansam de ressaltar que Scliar rescreve a Bíblia em suas páginas, incorrendo, retroativamente, no mesmo erro em que incorrem aqueles que enxergam em toda e qualquer obra do autor sombras e ecos do *schtetl*. Ou seja, localizam reutilização e reinvenção de

material bíblico em obras mais antigas (as de início de sua carreira) apenas pelo fato de que essa característica é elemento relevante nas últimas obras publicadas em vida do autor.

Partindo dessa constatação, emprestam à obra do autor um tom midrashico. Considero que, mais que rescrever a Bíblia, principalmente nesse romance que analiso, Scliar reinventa crítica e ironicamente suas condições de produção, utilizando, sim, de uma técnica que se assemelha à escrita de um Midrash Agádico. Ressalte-se também que os alvos principais das recontagens dos episódios contidos no Livro Sagrado restringem-se a elementos de fundo histórico, pseudo-histórico, mítico, e críticas a alguns comportamentos e ações de determinadas figuras bíblicas. Em termos de leis, preceitos éticos e morais, dogmas e intervenções da divindade no mundo fenomênico, o texto bíblico permanece intocado em suas narrativas.

Vejamos, a título de exemplificação, dois trechos que nos apoiam nas asserções anteriores. O primeiro diz respeito ao famoso episódio das duas mulheres que disputavam a maternidade de um recém-nascido, classificadas pela protagonista como “prostitutas uma estrela” (ou seja, prostitutas de baixíssima classe), no qual é contestada a decisão real; o segundo narra como teria se dado o primeiro ato amoroso entre Adão e Eva:

Era diante desse rei que eu me encontrava. Claro que eu poderia ter me perguntado se aquilo que eu acabava de ver havia sido, de fato, uma demonstração de sabedoria. E se a mulher identificada como mãe tivesse emudecido de terror, como ficaria a pretensa prova de maternidade? Que recurso lhe restaria então, senão ir além com a sentença, permitindo que o soldado cortasse a criança em duas? Esse ato bárbaro aliás nem resolveria a questão; o rei ainda teria que decidir que metade caberia a cada postulante. Mesmo que o corte fosse longitudinal, nada garantiria a simetria: o fígado ficaria de um lado, o baço de outro, por exemplo, isso sem falar que as metades do cérebro não são iguais. (Scliar, 2004, p. 62)

[...] Criados, o primeiro homem e a primeira mulher enamoram-se loucamente um do outro, e aí transformam o Éden num cenário de arrebatadora paixão. Fodem por toda parte, na grama, na areia, à sombra das árvores, junto aos rios. Fodem sem parar, como se a eternidade precedendo à criação nada mais contivesse que a paixão deles sob forma de energia tremendamente concentrada. O encontro dos dois era, portanto, uma espécie de Big-Bang do sexo, muito Big e muito Bang. Todas as posições eram usadas, todas as variantes experimentadas, isso sob o olhar curioso das cabras e dos ornitorrincos e, mais, sob o olhar benévolo de Deus.

Que, na minha versão, não os expulsava do Paraíso; ao contrário, encorajava-os: agora que descobristes o amor, podeis enfrentar a vida como ela é, a vida cheia de som e de fúria. (Scliar, 2004, p. 127)

Como na primeira das citações, ao longo do romance, a imagem de Salomão não deixa de ser destacada de sua aura mítica. Os poderes mágicos a ele conferidos são denunciados pela narradora como hábeis truques de mecânica, concebidos para granjear-lhe respeito e reconhecimento. Salomão, para “A feia”, é um rei mais astuto do que sábio, um soberano vaidoso, lúbrico e despótico, mais preocupado com alianças econômicas e diplomáticas do que com o povo. Essa dessacralização de uma das figuras mais populares do folclore judaico (atrás apenas do rei David e de Moisés) aponta, no meu ponto de vista, não para sua desqualificação, uma vez que suas qualidades também são ressaltadas, mas para uma maior adequação e aproximação da mesma a um imaginário contemporâneo, cujas figuras devem ser mais ligadas à realidade e menos idealizadas.

Quanto à versão alternativa para o início do livro do *Gênesis*, ao ser vetada tanto pelos anciãos quanto pelo monarca, aponta para o potencial do texto bíblico enquanto instrumento de repressão e controle da sociedade, especialmente quando é tomado em seus sentidos literais, divulgando e impondo visões de mundo e padrões de comportamento que resguardem e venham ao encontro dos interesses das elites e dos governantes. Ressalte-se que esta crítica aplica-se a determinados usos e leituras do texto, não ao texto em si; além de evidenciar que, enquanto produto do ser humano, a Bíblia não poderia deixar de refletir suas paixões, fraquezas e interesses:

As gerações se sucediam, no relato dos anciãos, que agora abandonava a humanidade como um todo e se concentrava nos hebreus, começando pelos patriarcas. Um terreno no qual se moviam com desenvoltura. De patriarcado certamente entendiam, e deixavam bem claro que aquele era um modelo perfeito, o pai de todos os modelos. Ocorreu-me que aquilo talvez fosse uma jogada política: patriarcas no início, juízes depois, reis no fim, eles estavam sugerindo que havia um continuum de poder que se iniciava em tempos imemoriais e culminava com o patrão deles, Salomão. [...] (Scliar, 2004, p. 143)

Devido ao teor altamente subversivo de seus escritos, para a época e para hoje, “A feia” cabe apenas dar forma estilística à história do povo, ficando os conteúdos específicos da narrativa a cargo dos anciãos. Por outro lado, consciente de que um texto não se constitui apenas do que está materialmente escrito, a escritora consegue infiltrar nos manuscritos também potencialidades latentes de seu entendimento e leitura, inspirando-se na justiça social, na solidariedade e na fraternidade entre o gênero humano. O seguinte trecho ilustra o venho expondo:

[...] Escorraçada de um texto no qual já não me reconhecia, eu me refugiaria não nas linhas, mas nas entrelinhas. Ali eu deixaria uma muda e críptica mensagem, uma mensagem que, como a garrafa lançada ao mar, talvez chegasse a alguém, num futuro próximo ou distante. E eu estaria ali, celebrando o amor de Adão e Eva, e de muitos homens e mulheres cujos nomes não figuravam nos alfarrábios dos velhos, mas nem por isso eram menos importantes como seres humanos. Anônima eu também seria, mas traços de minha paixão figurariam, de algum modo, no manuscrito. (Scliar, 2004, p. 142-143)

Por essa via, a das interpretações interlineares e associações, que Scliar, por meio da pena de “A feia”, encontra uma base comum ou compartilhada entre judaísmo e cristandade: ressaltando a origem judaica dos ideais e da religião cristãos. O mesmo tema já está presente também em um dos episódios de *Cenas da vida minúscula*, mas encontra em *A mulher que escreveu a Bíblia* sua mais acabada expressão, não apenas por estar ao final do romance, mas também por abrir-se como um veio a ser explorado nas próximas obras do autor.

O certo é que, cansada da corrupção do reinado salomônico e dos usos e abusos a que se destinava o texto que escrevia, a narradora passa a profetizar; identificando esta atividade não como uma dádiva divina, um estado de êxtase e comunhão com o supernatural, mas com a lucidez daqueles que sabem observar e detectar no presente o germe de coisas futuras, um jogo lógico de causas e consequências. Assim, passa a escrever freneticamente sobre o porvir, como a divisão do reino, o longo período dos profetas e as dominações estrangeiras, culminando com o surgimento do Cristianismo:

[...] A resposta a essa situação [i.e. a dominação estrangeira e a exploração do povo] só poderia ser a revolta — como a do pastorzinho — mas também o nascimento de uma nova religião. Nela, o Jeová enigmático, autoritário, seria substituído por um Deus-Pai, Todo-Poderoso, sim, mas ao mesmo tempo misericordioso. E haveria um Filho, com quem as pessoas poderiam se identificar em sua aflição; esse filho, sob forma humana, pregaria o amor e a

justiça, realizaria milagres, curaria enfermos — eu estava pensando no desespero de minha amiga Mikol, doente e sem ter a quem recorrer. [...]. (Scliar, 2004, p. 201)

O que se evidencia é que, a par de ter sua origem firmemente assentada no contexto histórico, sociocultural e econômico do judaísmo, são os paralelismos entre judeidade e cristandade, uma vez que muitos dos ideais e da ética cristãs derivam diretamente da modalidade farisaica da religião, ou proto-rabínica, que começou a consolidar sua ascendência no judaísmo a partir do Exílio da Babilônia e passou a ser corrente única com a destruição do Segundo Templo e a extinção da classe e das práticas sacerdotais.

Assim, os ideais de justiça social e respeito entre os homens pregados por Jesus têm sua origem tanto na pregação dos profetas quanto em sua interpretação oral pelos sábios do povo, além de ser o ponto central de práticas judaicas tais como a Tsedaká. O reconhecimento cristão da figura de Deus como misericordioso e infinitamente bom também faz parte da visão judaica sobre a divindade, configurada em diversas orações e práticas, sendo duas das mais emblemáticas o El Malê Rachamim (Deus Pleno de Misericórdia) e as práticas expiatórias do *Yom Kippur* (Dia do Perdão). Até mesmo a Santíssima Trindade dos cristãos tem sua contraparte na tradição judaica, malgrado as diferenças teológicas e dogmáticas de suas atribuições: o Pai (*Elohim*), o Filho (Messias) e o Espírito Santo (*Schekhiná*).

A busca e assunção de uma base comum ou compartilhada entre os descendentes de imigrantes judeus e a sociedade brasileira na construção e reformulação de um imaginário coletivo, por via daquilo que, não fortuitamente, convencionou-se chamar de “civilização judaico-cristã”, é o que propicia a incorporação de outras matrizes culturais (negros, mulheres índios) nesta complexa rede de negociação de capitais étnicos e de espaço religioso em que se tornou a obra de Scliar.

Não importa tanto aqui que a civilização judaico-cristã tenha uma longa história de repressão e de dominação; de práticas sociais e humanitárias diametralmente opostas aos seus discursos e ideais, uma vez que o que se busca é o acesso, através da ficção, a um imaginário que seja capaz de inspirar transformações na realidade e dotá-la de significados novos; proporcionando uma pluralidade, mesmo que ainda no plano do ideal e do desejável, de vivências não conflitantes.

* **Leopoldo Osório de Carvalho de Oliveira** é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona Língua e Literatura Hebraicas na Faculdade de Letras e pesquisa sobre Sionismo, sociedade e literatura israelenses no Programa de Pós-Graduação em História Comparada, no Instituto de História da mesma instituição.

Referências

BLOOM, Harold. *The Book of J*. (Traduzido do hebraico por David Rosenberg e interpretado por Harold Bloom). New York: Grove Press, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.